

Uma tal esperança não é alienante, além do mais porque, na antropologia de inspiração cristã, o ser humano não é desvinculado dos seus irmãos em humanidade, antes pelo contrário. O humanismo cristão tem assim incidências e consequências sociais e políticas.

Para sustentar a linha de fundo do seu discurso o autor percorre a longa história do pensamento filosófico e religioso, desde o século VI a.C. aos tempos pós-modernos, buscando em múltiplos autores, correntes e posições de pensamento, subsídios para uma visão acertada do sentido da vida humana e razões para a esperança. Detém-se amplamente em Platão e na sua herança mais ou menos metamorfoseada nos neoplatonismos cultores daquilo que o autor designa por «monismo modulado» (tudo é redutível ao Uno, mas cada estrato de ser com a sua modalidade própria). Analisa-o nos tempos medievais e nos modernos, especialmente com Espinoza e Teilhard de Chardin. O capítulo sobre «Aristóteles no Bairro Latino» serve-lhe para realçar as aportações de Tomás de Aquino, com a sua exploração da doutrina da criação e da relação entre criação e relação, criação e começo, criação e finalidade, bem como criação e Redenção. O quarto e último capítulo procura conduzir a uma síntese final, a servir para o homem deste tempo. Começa com duas questões de fundo: «Fim da civilização ocidental?» «Fim do período constantiniano?» Para lhes responder, recorda o que K. Jaspers designara como «período axial» (séc. VI a. C.) – em que convergiram pensadores gregos, profetas bíblicos e sábios orientais na proclamação da busca da verdade como programa fundamental do ser humano –, desenvolve depois uma filosofia da palavra, em sua ligação com o pensamento e com a relação a outrem e faz a sua releitura da narrativa cristã.

No fundo, todo o discurso de Ghislain Lafont é uma releitura da história do pensamento filosófico e teológico na mira de nele detectar as tentativas, os encontros e os desvios, na grande tarefa de procurar uma resposta para a questão a formular ou já formulada por Kant: «Que podemos nós esperar?». Com particular interesse para a antropologia e a escatologia.

JORGE COUTINHO

DUQUE, João Manuel, **Fronteiras. Leituras filosófico-teológicas**, Universidade Católica Editora – Porto, Porto, 2011, 288 p., 210 x 145, ISBN 978-989-8366-09-2.

O autor desta coletânea de ensaios é hoje, apesar de relativamente jovem, assaz conhecido no meio português e mesmo, cada vez mais, no plano internacional. Teólogo daquela área de fronteira que se denomina Teologia Fundamental, apelidou essa coletânea justamente de «Fronteiras». Não sem a sua justificação, no plural. É que, assim como não há uma teologia e uma filosofia intemporais, assim não há uma demarcação única, «essencial», que marque de uma vez por todas essa relação dinâmica que distingue e aproxima aqueles dois saberes, ora mais distinguindo (até à oposição) ora mais aproximando (seja no excesso da identificação seja em variadas formas de positiva relação: complementaridade, subordinação, etc.). A razão humana concreta é a que se realiza na história, em pensadores e em posições concretos, sendo por isso mesmo uma razão plural. Esta pluralidade do concreto tem, de resto, no caso uma compreensão ela mesma bem concreta: trata-se de um conjunto de intervenções em congressos, colóquios e iniciativas do género, ou simplesmente

de artigos anteriormente publicados em revista ou como capítulo de livro.

Com esta temática fronteiriça e sua pluralidade de tratamento se ligam outros temas nucleares da teologia fundamental, que João Duque aborda também na sua Introdução: questão de Deus, relação entre filosofia da religião e teologia, possibilidade da fé; e bem assim, o que ele designa como as «coordenadas do (teo)logos», ou seja, aqueles pressupostos próprios de um pensamento que pensa a questão de fundo da relação entre teologia e filosofia: questão da metafísica, questão da hermenêutica, problemáticas da linguagem e do símbolo, da desconstrução e da comunicação.

O primeiro ensaio analisa a posição de Kant em face da religião. Analisa e sobre ela tece pertinentes considerações críticas: primeiro, o excesso racionalista que faz Kant olhar a religião cristã pelo lado do culto e que vê este como idolatria; depois, a incompreensão kantiana da dialética entre particularidade histórica e universalidade racional; terceiro, a incompreensão da dimensão ético-amorosa do cristianismo.

No segundo ensaio, João Duque revisita um autor português e portuense, Pedro de Amorim Viana, e a sua obra *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé*, com as virtualidades que, para as fronteiras entre a fé e a razão, nela descobre, lendo-a na fusão de horizontes históricos, o deste pensador e o nosso actual. Da chamada escola portuense se ocupa no terceiro ensaio. Nele procura evidenciar algumas constantes (por vezes, quase obsessões) presentes na mesma: ânsia de metafísica, questão de Deus, relação entre filosofia e teologia, conjugação de transcendência e imanência, predilecção pelo tema do amor, abertura ao «excesso», gosto pela teologia negativa. Leonardo Coimbra é objecto do ensaio seguinte, sob o ângulo de uma das suas temáticas preferidas – «Saudade

imane e saudade transcendente» – um tema que comunga com o seu amigo e quase conterrâneo Teixeira de Pascoaes, mas para o qual encontra diferença de tratamento e de compreensão. Português é ainda o pensador que se segue, o escritor-filósofo Vergílio Ferreira, brilhante como escritor, subtil e arguto como pensador. J. Duque revisita o seu questionamento de Deus, procurando aprofundar, ele próprio questionando, o sentido do seu questionar, a compreensão do questionador e o «porquê» do questionamento. Faz justiça a V. Ferreira no reconhecimento da sua distinção entre perguntar e interrogar, a que faz corresponder a distinção entre (simples) problema e mistério (o «insondável» de Vergílio). Se há uma questão de Deus, ela situa-se neste segundo domínio.

O sexto ensaio procura explorar em M. Horkheimer a dialética entre o desejo de sentido e o sentido do desejo, uma dialética em que confluem a teologia negativa de longa tradição e o agnosticismo moderno. Sob pena de ficarmos inexoravelmente «reféns de nada», o desejo de sentido, pensa J. Duque, leva consigo, como sentido, o desejo do totalmente outro. Segue-se o tema nietzscheano do eterno retorno em sua (possível e talvez presente, embora oculta) relação com a escatologia. Bom conhecedor de Nietzsche, procura desvelar, na ambiguidade dos seus textos, com destaque para *Assim falou Zaratustra*, inesperadas aproximações ao que deve se pensado como o verdadeiro *eschaton* da fé cristã. O oitavo ensaio denomina-se «Apocalíptica “pós-moderna” (E. Bloch, J. Derrida e J. B. Metz)». Nele encara J. Duque a modernidade como um tempo «entre agonia e utopia», e «entre fobia e apatia», enquanto a teologia é apresentada, com J. B. Metz, também com o seu «entre»: «entre anacronia e simpatia». Em H. G. Gadamer, procura, por sua vez, a (ultra)

passagem «da hermenêutica dos limites aos limites da hermenêutica». Analisando a ideia gadameriana da hermenêutica como experiência da finitude e pondo a nu as suas aporias, procura mostrar como essa experiência feita na palavra acaba por remeter a um silêncio anterior à mesma palavra, como seu *arché* e seu *télos*, e como condição de toda a hermenêutica. O décimo ensaio intitula-se «Analogia de participação e sociedade (pós-)moderna (Tomás de Aquino)». Numa temática de não fácil abordagem, J. Duque chama à colação pensadores como K. Rahner, Tomás de Aquino e M. Heidegger, e procura conjugar o conceito heideggeriano de diferença ontológica com o tomista e rahneriano de analogia de participação.

No décimo primeiro ensaio regressa a um autor português, o poeta e místico Frei Amador Arraiz, para uma «leitura trinitária» dos seus *Diálogos*. O décimo segundo versa o binómio «"Existencial sobrenatural" e antropologia cristã (K. Rahner)». Verdade e relativismo no magistério de João Paulo II é o assunto do penúltimo dos ensaios. Nele trata com clareza e distinção, embora, por força da circunstância, muito sumariamente, as ideias enunciadas no título. A coletânea encerra com uma reflexão sobre a posição de fundo de John Milbank, fundador e cabeça de fila do movimento autointitulado «Radical Orthodoxy», sobre «cristianismo e sociedade pós-secular». Nela J. Duque expõe as teses e atitudes fundamentais de Milbank, com uma pertinente adução dos seus «pontos críticos».

Teólogo e pensador de elevado nível, bom conhecedor dos mais variados autores da história filosófica como da teológica, quer do passado quer do presente, João Duque fez bem em recolher estes dispersos da sua produção filosófico-teológica, prestando assim um bom serviço à teologia fundamental

e a quantos a ela dedicam especialmente o seu interesse e o seu empenho.

JORGE COUTINHO

CODINA, Mónica, **Donde vive la libertad. Una lectura de Romano Guardini**, col. «Ensayo», Biblioteca Nueva (www.bibliotecanueva.es), Madrid, 2011, 242 p., 230 X 150, ISBN 978-84-9940-165-2.

Neste ensaio sobre o pensamento antropológico de Romano Guardini – um dos mais vigorosos pensadores católicos da primeira metade do século XX, como se sabe –, Mónica Codina, professora na Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra, realça a rotura que ele decide em relação ao pensamento moderno, insistindo na humana capacidade de conhecer e realçando a sua ampliação pela abertura do homem ao horizonte da fé. Combinando harmonicamente a descrição fenomenológica da realidade – a fenomenologia estava em alta no seu tempo – com a visão filosófico-teológica cristã do mundo, abriu caminho a uma melhor compreensão do modo como se relacionam metafísica e história, ser e liberdade. Em síntese, e usando as suas próprias palavras, Guardini considera que «a maneira como o homem concebe Deus decide o modo em que vê e vive a sua própria condição humana», já que «o seu ser mais autêntico recebe-o o homem do modo como se situa a respeito de Deus». No fundo, em seu modo de ver, não uma verdadeira visão do mundo que não seja a que decorre da antropologia e não há antropologia integral que não seja uma antropologia teológica, isto é, uma visão do homem criado por Deus, decaído na condição de pecado e redimido por Cristo.